



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após cerimônia de entrega de escrituras de regularização fundiária no bairro Juscelino Kubitschek

Porto Velho-RO, 12 de março de 2009

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Olhe, deixa eu lhe falar uma coisa: eu tenho plena consciência do que está acontecendo no mundo, tenho plena consciência do que está acontecendo no Brasil. Estou convencido, e vou repetir em alto e bom som: o Brasil foi o último país onde a crise chegou e o Brasil será o primeiro país a mostrar que é possível vencer esta crise. E já determinei aos meus ministros e já é decisão de governo que essa crise a gente enfrenta com mais trabalho, com mais investimento, com mais obras públicas e com política social.

Quem achar que o presidente Lula vai anunciar que vai mandar funcionário público embora, que vai reduzir gasto com saúde, que vai reduzir gasto com Bolsa Família, que vai reduzir gasto com Pronasci, que vai reduzir gasto com os pobres deste país, vai cair do cavalo, porque eu não vou anunciar. Eu vou anunciar mais obras, mais estradas, mais pontes, mais ferrovias e mais política social. É esse o critério com que eu vou enfrentar esta crise.

O problema nosso, veja, hoje, não é o Copom ser 1,5, ser 2 ou ser 1%. O problema nosso hoje, e esse é o problema que mais afetou o Brasil, é que nós temos uma escassez de crédito no mundo, ou seja, o dinheiro desapareceu. O Banco Mundial anuncia que nós temos uma falta de crédito no mundo de praticamente US\$ 800 bilhões. Todos vocês sabem que 30% do crédito brasileiro era crédito de empresas brasileiras que tomavam em dólares, ou seja, tipo Vale do Rio Doce, tipo Petrobras, tipo as grandes empresas



brasileiras que pegavam dinheiro em dólares, na medida em que há escassez de dólares lá fora, o que aconteceu? Esses grandes empresários voltaram-se para dentro do Brasil para disputar o dinheiro do empréstimo da Caixa Econômica, do Banco do Brasil, do BNDES e de outros bancos. Ora, com mais clientes, o que aconteceu? Você tinha comida na mesa para dez pessoas, apareceram 13 pessoas e você tem que diminuir a quantidade de comida para cada um. O que aconteceu é que os bancos ficaram mais seletivos e aumentaram muito o *spread* bancário, esse é o principal problema que nós temos hoje no Brasil e no mundo.

Uma das coisas que eu pretendo conversar com o presidente Obama e que eu pretendo discutir no G-20 é que a prioridade número um não é gente ficar colocando dinheiro em banco para salvar os bancos que quebraram, é a gente assumir a responsabilidade de normalizar o crédito internacional para empresas e para o povo que quer tomar dinheiro emprestado.

Eu acho que... esse é o principal problema que nós temos no mundo hoje, é normalização do crédito. E o crédito normalizado significa que alguns países vão ter que assumir a criação de bancos públicos. Eu vou levar até como exemplo como é que funciona o Banco do Brasil, a Caixa Econômica, BNB, Basa, BNDES, para ver se os países têm a disposição de fazer bancos com o modelo do Banco do Brasil, porque nós não tivemos problema no sistema financeiro brasileiro, por quê? Porque nós não alavancamos aquilo que não podemos financiar. Enquanto no Brasil, você permitia alavancar apenas dez vezes o patrimônio líquido dos bancos, nos Estados Unidos chegava-se a 35 vezes, ou seja, pessoas emprestavam o que não tinham.

Então, esse é um grande problema nosso e nós vamos resolver, nós vamos certamente tomar medidas e a minha preocupação, neste instante, você viram os empregos que essas obras vão causar aqui, nós estamos trabalhando para que todas as obras do PAC possam trabalhar em dois turnos, em três turnos, para que a gente gere uma parte dos empregos. Vocês viram que, na



indústria automobilística, empresas como a Renault, como a Volkswagen, já começaram a fazer hora extra no sábado, e vocês sabem que eu continuo o mais otimista dos seres humanos com relação a essa crise. Enquanto alguns choram a crise, eu acho que ela é uma extraordinária oportunidade para a gente fazer mais e melhor, para a gente corrigir as deficiências do passado e propor coisas novas para o futuro.

É por isso que eu vou lançar um programa de um milhão de casas populares no Brasil, é por isso que nós vamos anunciar coisas novas para renovação de frotas de caminhões, de ônibus, ou seja, nós não vamos ficar parados.

Se essa crise pensa que vai atrapalhar o Brasil, eu quero anunciar em alto e bom som à crise: “se prepare que o Brasil não vai permitir que essa crise cause o estrago no Brasil que já causou em alguns países”.

Jornalista: Presidente, sobre o pacote habitacional, vai ter a possibilidade de as pessoas ficarem... ter casa de graça, como foi (incompreensível)?

Presidente: Não, não. Veja, deixa eu lhe falar uma coisa. Você tem no Brasil um grupo de brasileiros que não pode pagar prestação, nós vamos ter que pensar nisso. É por isso que fizemos uma reunião com as entidades representativas do movimento de moradia, ou seja, nós já reunimos as entidades de moradia no país, as pessoas que se organizam nas grandes cidades, já reunimos prefeitos, já reunimos governadores. Vamos reunir o movimento sindical rural porque uma parte dessas casas vai ser feita na área rural, já tem uma proposta para a gente discutir com os dirigentes sindicais.

E quando eu voltar dos Estados Unidos, eu não sei se na sexta-feira ou na segunda, mais provável na segunda-feira, depois que eu voltar dos Estados Unidos, nós vamos anunciar o programa, porque eu quero fazer as casas o mais rápido possível porque eu quero gerar emprego, quero gerar renda e



quero gerar moradia.

Vocês vão ver que o padrão de juros, o padrão de seguro de vida, será totalmente diferente, será totalmente diferente do que é hoje, porque nós já aprendemos nesses seis anos, e entendemos que essa crise, a gente a enfrenta fazendo mais coisas do que a gente vinha fazendo.

Agora uma pergunta para Rondônia.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Veja, o que eu disse aos companheiros deputados, senadores e aos dirigentes sindicais que me entregaram o documento com relação à PEC 483 é que nós vamos fazer um grupo representativo do Senado, da Câmara e do Sindicato, vamos chamar o Ministro do Planejamento e vamos sentar com eles para a gente discutir o impacto que isso pode dar no Orçamento da União.

Do ponto de vista da isonomia, eles têm direito de reivindicar, porque foi feito para Roraima e foi feito para Rondônia...

Jornalista: Para o Amapá.

Presidente: Para o Amapá. Nós temos que ver do ponto de vista, agora, do Orçamento da União.

A única coisa que eu posso prometer para as pessoas é o seguinte: eu serei muito honesto e muito sincero para dizer sim, e serei muito honesto e muito sincero para dizer não. Agora, veja, não está na minha alçada isso, porque isso está no Congresso Nacional.

Mas, de qualquer forma, eu não tenho duas caras para fazer política. Se eu entender que a União pode absorver isso, não tenha dúvida que eu direi. Se eu entender que isso vai criar problema para o Orçamento da União, sobretudo em um ano que está vivendo uma crise, eu também terei que dizer para os



companheiros, com a mesma honestidade, que não é possível fazer.

Mas eu não posso dizer sim, nem não, antes de colocar a equipe para discutir com o Ministro do Planejamento e ver o que isso tem de implicação no custo orçamentário da União.

No mais, deixa eu lhe falar, eu estou esperando que o Prefeito tenha mandado a minha costela de tambaqui para eu comer no avião. Um grande abraço e até outro dia, meus filhos. Um grande abraço.

(\$31EGJLP)